



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 7 de agosto de 2011

A CRITICA

Amazon Franchising	1
ECONOMIA	

A CRITICA

Negócios da China em pauta	2
ECONOMIA	

A CRITICA

Negócios da China em pauta (continuação)	3
ECONOMIA	

A CRITICA

Espaço da Indústria	4
ECONOMIA	

A CRITICA

Entrevista: José Laredo	5
ECONOMIA	

A CRITICA

Notas & Notas	6
ECONOMIA	

DIÁRIO DO AMAZONAS

Indústria nacional está mal e deve ficar pior, indica estudo	7
ECONOMIA	

DIÁRIO DO AMAZONAS

Arthur Neto	8
ECONOMIA	

Amazon Franchising

Feira em Manaus traz opções para franquias

Rede A Fórmula é uma das que já adiantou que está em busca de parcerias

RENATA MAGNENTI

DA EQUIPE DE A CRÍTICA

Ser dono do seu próprio negócio é o sonho de muitas pessoas. Apostar em uma empresa já consolidada no mercado pode ser opção. As franquias lotam shoppings e a modalidade está em plena expansão no País. Manaus vai sediar este ano a Amazon Franchising, para unir os que desejam apresentar seus negócios aos que desejam adquirir uma franquia. O evento será realizado entre os dias 18 e 20 de novembro, no Centro de Convenções do Studio 5.

O primeiro requisito exigido do futuro franqueado é que seja empreendedor, depois que acredite no negócio que se está investindo e tenha profissionais qualificados e recursos - próprio ou financiado - para dar início ao investimento. De acordo com o mercado, para se ter uma microfranquia pode ser necessário R\$ 50 mil, enquanto que, uma loja em um shopping

Saiba mais

O principal recurso investido em uma franquia é o que está relacionado à aquisição do espaço. Junto a empresa franqueadora, o franqueado assina um contrato que garante que, neste espaço, haverá exclusividade com fornecedores e a marca.

chega a custar R\$ 500 mil.

"Costumo dizer que o sucesso do seu negócio está relacionado a paixão que você tem por ele, aí está o segredo", diz a diretora da rede A Fórmula, Edza Brasil. A empresa com sede em Salvador é uma das empresas que estarão na Amazon Franchising em busca de novos franqueados em Manaus.

Atualmente, A Fórmula tem 20 lojas próprias e 63 franquias espalhadas pelo Brasil. O Amazonas e o Pará estão no topo da lista, com oito franquias cada

uma. As lojas no Amazonas se concentram em Manaus. No Pará, além das lojas em Belém, há uma no interior do Estado. Recentemente a empresa - que produz medicamentos manipulados - realizou uma pesquisa junto a empresa Franchising e Expansão de Negócios (Francap) em que identificou a região Norte como a região com maior potencial de expansão se comparada com a região Nordeste.

Segundo Edza, isso mostra que além das lojas já instaladas há locais no Estado para a expansão do serviço. "Nossa intenção é que A Fórmula funcione como uma farmácia de pronto-atendimento e para isso precisamos de um maior número de lojas, pois clientela constatamos que há", detalhou. De acordo com a diretora da empresa, Manaus tem apenas uma loja com capacidade de pronto-atendimento, no bairro de São Geraldo, zona Centro-Sul. Na unidade, os medicamentos ficam prontos em até uma hora.

Negócios da China em pauta

Amazonenses entram na leva de empresários brasileiros que programam caravanas para 'invadir' à Feira de Cantão

FÁBIO ALENCAR *

DA EQUIPE DE A CRÍTICA

A velha frase “se não pode vencer o inimigo, junte-se a ele” cai como uma luva para a Feira de Cantão, a maior feira de importação e exportação da China. A feira, com duas edições anuais - em cada primavera e outono chinês (abril e outubro) - atrai cada vez mais brasileiros que antes se sentiam intimidados pela concorrência dos produtos asiáticos e, agora, motivados pela queda do dólar, buscam por lá saídas baratas para seus próprios negócios. Os empresários do Polo Industrial de Manaus não ficam de fora.

A Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), por meio do Centro Internacional de Negócios (CIN), vai reunir empresários do segmento da indústria, comércio e serviço para um “Seminário de Oportunidades de Negócios entre o Brasil e a China”, que vai tratar da 110ª edição da Feira de Cantão. O seminário, gratuito, terá também a participação do Sebrae e da Associação Comer-

Data e local

A ‘Canton Fair 110’ vai de 15 de outubro a 4 de novembro no Centro de Comércio de Guangzhou. Dividida em três fases, nela são negociados produtos que vão de eletrônicos a alimentos, passando por têxteis e materiais de construção.

cial do Amazonas (ACA), nesta terça-feira (9), das 16h às 18h, no auditório Auton Furtado, na sede da Fieam (avenida Joaquim Nabuco, 1919).

Para ajudar a vender as vantagens da ‘Canton Fair’, estarão no seminário o cônsul comercial da China no Brasil, Wang Gingyuan, o diretor da China Trade Center do Brasil, Pan Faming, e o próprio presidente da feira realizada do sul da China, Wang Zhiping.

Segundo o gerente executivo do CIN Amazonas, Marcelo Lima, o encontro vai mostrar ao empresário amazonense não só as possibilidades de comprar

produtos acabados ou investir em bens de capital, como máquinas e equipamentos, mas também oportunidades de internacionalizar produtos feitos no Amazonas e atrair novos negócios e investimentos para o Estado. “A Canton Fair é uma grande feira com a participação de 209 países, abrangendo vários segmentos e trazendo a chance de ampliar os negócios”, explica Marcelo Lima.

NÚMEROS

Na última edição, encerrada em maio, mais de 208 mil compradores foram ao evento. Como todos os números relativos à China, os da Feira de Cantão são gigantes. Na edição de outubro serão 1,13 milhão de m² de exposição, com 57.136 estandes e 23.559 exibidores. Grande também é o número de brasileiros a caminho do país asiático. Dados da Embaixada da China mostram que a concessão de visto de negócios por aqui foi de 11.724 entre janeiro e outubro do ano passado. O visto de turista foi de 25.223 no mesmo período.

*** Com dados da AE**

Negócios da China em pauta (continuação)

Negociantes a caminho da Ásia

Entidades da indústria e comércio de todo o País ampliam, a cada ano, o número de “caravanas” rumo à Feira de Cantão. A dificuldade com o idioma e a cultura da China reforça a necessidade de uma organização prévia para conhecer a mega exposição.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI), a Associação Comercial de São Paulo (ACSP) e a Câmara Brasil-Chi-

na de Desenvolvimento Econômico (CBCDE) se destacam entre nesta organização. “Tentamos estimular a ida não só de empresas interessadas em comprar, mas de companhias que queiram vender produtos brasileiros. O objetivo é promover a exportação”, diz Tatiana Porto, do comércio exterior da CNI.

No Amazonas, a Fieam, com o seminário da próxima terça-feira, também estará contri-

buindo para organizar um grupo amazonense no evento. Informalmente, empresários dos mais diferentes setores da indústria local, em especial da Construção Civil, já se organizaram em caravanas para participar da feira, que expõe mais de 150 mil tipos de produtos em três fases do evento, uma das quais inclui desde materiais eletrônicos até automóveis

Espaço da Indústria

O CIEAM e os desafios da indústria

Dando continuidade ao trabalho desenvolvido pelo Maurício Loureiro, assumi em 13 de julho a direção do Centro da Indústria do Estado do Amazonas com o firme propósito de agregar, somar esforços e assim envolver ainda as entidades produtivas em prol dos direitos e interesses de nosso estado. O Polo Industrial de Manaus (PIM) é responsável por mais de 90% da arrecadação de tributos no Amazonas, estado também responsável por mais de 60% da arrecadação de tributos federais de toda a região Norte. Podemos, então, dizer que o PIM é responsável por mais de 50% da arrecadação de tributos federais de todo o Norte.

Como dizia o professor Samuel Benchimol, a Zona Franca não é um paraíso fiscal, é sim o paraíso do fisco. No prefácio da 2ª edição de seu livro "Amazônia: Um pouco antes e além-depois", o presidente da FIEAM, Antonio Silva, assinala que "a Amazônia é o nosso maior desafio e nosso mais urgente e complexo problema". Concordo. Desafio porque está cada vez mais difícil manter as vantagens comparativas das indústrias do nosso PIM, principalmente o eletroeletrônico e a indústria de componentes. Problema pela dependência econômica e social do nosso

estado da atividade do PIM. A perda de competitividade da indústria nacional por conta das questões cambiais e a falta de ações do estado brasileiro para impedir a invasão de produtos importados no Brasil já custaram o fechamento de várias empresas do segmento componentista e a consequente redução do número de empregos desse segmento. Vivenciamos batalhas por conta das medidas provisórias que têm sido apresentadas e estão sendo discutidas. Temos também consciência dos riscos que a convergência digital traz para o pólo industrial e para o nosso estado. Somos sabedores de que temos que

desenvolver novos nichos de negócio. No entanto precisamos de mais tempo para desenvolver essas novas alternativas econômicas para nossa região. O segmento petroquímico, a mineração, os fármacos e o turismo são algumas dessas possibilidades. Porém, isso não acontece de um dia para o outro. Portanto, precisamos ter garantida a prorrogação dos nossos incentivos e das nossas vantagens comparativas para que o estado tenha condições de desenvolvê-las. Precisamos também de capital intelectual para que esses novos nichos possam ser explorados.

As indústrias do PIM contribuem com 1% de seu faturamento para a Universidade do Estado do Amazonas (UEA); precisamos interagir com a UEA para que desenvolva nova grade curricular e qualifique os cidadãos que nos ajudarão a desenvolver essas novas atividades. Acredito que a defesa da educação seja uma das principais bandeiras de nossa sociedade. Não é um simples bordão. Se queremos uma sociedade melhor no futuro, a educação é primordial. É a nossa única saída para o desenvolvimento que pretendemos alcançar.

Wilson Périco
sineees@
sineees.org.br



Entrevista: José Laredo

Na semana do **economista**, o consultor José Laredo, da Controle Consultoria, fala dos desafios da profissão, oportunidades em Manaus, carência nas escolas de Economia e muito mais.

“O coeficiente de leitura ainda é deficiente”

Quais os principais desafios dos economistas no Amazonas?

Estudar e entender a dinâmica de funcionamento do modelo que opera na base do contrato de risco onde o Governo entra como sócio não solidário nos investimentos, ficando todos os custos de implantação da fábrica por conta dos investidores que buscam benefícios futuros que somente estarão disponíveis quando sair a primeira nota fiscal. Nesse momento, então, já surgem implacáveis os impostos, configurando-se a parcela do Estado no negócio sem que este tenha aportado nada na ação inicial de investimento.

Como o senhor avalia a qualificação dos novos economistas que estão chegando ao mercado?

Os níveis de especialização do economista estão proliferando-se e alargando-se enormemente com o avanço da TI, mas, de modo geral, o coeficiente de leitura dos livros de economia, tanto durante o curso acadêmico como de-

pois, ainda é deficiente por causa das infinitas opções de lazer que o jovem dispõe antes de optar por sentar e ler, bem diferente de 20, 30 anos atrás, quando a leitura era a opção número um.

Atualmente, quais são as opções na área da economia?

O mercado financeiro ligado às grandes corretoras e bancos, sem dúvida, é bem atrativo, mas demanda muita especialização. O mercado de concurso público para a área está bastante cotado. Na indústria e no comércio local, afóra o sistema interno de promoções familiares, tem-se que dos diretores residentes das empresas do PIM não é exigida graduação e pós graduação em economia, basta-lhes ter a confiança dos proprietários do negócio (geralmente localizados fora do PIM), experiência gerencial no ramo da empresa e, por último, conhecimento do funcionamento do PIM. Mas não se pode dizer que a busca do economista para esse fim seja prioritária. Geralmente, no setor financeiro das indústrias locais, é comum se encontrar mais contadores e administra-

Perfil

Jose Laredo

IDADE: 63

FORMAÇÃO: Economista pela Universidade do Amazonas, turma de 1971

Ocupações: Professor titular da Ufam, consultor industrial, sócio fundador da Controle Consultoria desde 1979, fundador do Sindicato dos Economistas do Amazonas, atual presidente da Associação dos Consultores do Amazonas (Ascon), ex-conselheiro do Confecon.

dores do que economistas, mas ainda assim, a profissão está avançando nesse segmento.

Como o senhor avalia as escolas de economia de Manaus?

Os resultados dos exames do Enem na base ajudam a entender as enormes dificuldades que os professores de nível superior têm com o magistério da ciência econômica, em especial

com alunos mal avaliados nos estudos secundários. Guardadas as exceções, tem-se um quadro local bastante difícil quanto à competição do profissional formado em relação aos do Sul/Sudeste.

O que fazer para melhorar este conceito?

Mais exigência de treinamento especializado aos professores, maior consistência e rigidez nas avaliações, regras mais duras de conduta quanto a prazos de entrega de trabalhos e frequência, mais interação dos acadêmicos com a prática empresarial (comércio, indústria e serviços).

Além da indústria, onde mais há espaço para o economista?

O economista é o profissional mais habilitado para calcular os custos/benefícios de um novo negócio, pode ser o seu próprio. Pode avaliar a tendência do mercado para esse ou aquele bem ou serviço, dar assessoria a um determinado segmento em que tenha se especializado como: varejo, atacado de commodities, setor primário, agricultura,

agronegócio, equipamentos pesados, construção civil, construção naval, financiamentos para o setor industrial e/ou comercial com recursos de bancos oficiais como BNDES, BASA, e da rede bancária em geral.

Quais são as oportunidades na consultoria econômica?

Na consultoria econômica, o economista pode atuar no segmento microeconômico (como os consultores locais que operam os benefícios fiscais que beneficiam o PIM), e no segmento macroeconômico, com estudos das tendências do mercado frente a fatores como choque de oferta de petróleo, crise financeira (como ora está ocorrendo nos EUA e na Europa). Hoje tem-se o câmbio no Brasil à taxa de R\$ 1,55/1 US\$ e isso afeta as exportações porque torna caros os produtos brasileiros lá fora. Por outro lado, cria um corredor de gastos ao facilitar as importações de bens e serviços, de turistas etc. Tudo isso são fatos reais de hoje que se clareiam na mão dos economistas para traduzir aos contratantes um conjunto de recomendações do

que se pode e do que não se pode fazer agora para não comprometer os lucros ou mesmo o próprio patrimônio.

E para quem quiser trabalhar como profissional liberal? Há espaço para novas consultorias?

Para o profissional estudioso, competente e criativo sempre haverá espaço em qualquer mercado, nada está saturado, a entrada de qualquer profissional com ideias novas e vigor intelectual é muito bem vinda para o convívio das consultorias para vitaminar com eficiência nosso mercado de trabalho.

O Conselho tem agido nas questões salariais, como empresas que pagam abaixo do piso?

Não é função do Conselho averiguar honorários nem salários, e sim fiscalizar o exercício da profissão por quem tem direitos legais de fazê-lo. O próprio mercado é quem deve determinar valores salariais de acordo com a competência e oportunidade de cada um - empregado e empregador.

Notas & Notas

6ª Fiam Estão abertas as inscrições para a 6ª edição da Feira Internacional da Amazônia (Fiam), que ocorrerá de 26 a 29 de outubro, no Studio 5 Centro de Convenções. Os interessados já podem fazer reservas de estandes. Basta entrar em contato com a Coordenação-Geral de Promoção Comercial da autarquia.

Indústria nacional está mal e deve ficar pior, indica estudo

TEXTO Agência Estado e Agência Globo
FOTO Raimundo Valentim

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

A crise econômica mundial pode segurar o crescimento da indústria brasileira neste ano. Para que se confirme a expectativa de crescimento de 3% em 2011, conforme anunciado anteriormente, a produção industrial precisaria mostrar forte aceleração do seu ritmo de expansão, com crescimento de 1,1% ao mês, avalia a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

O problema é que a atividade industrial está praticamente estagnada nos últimos 14 meses, com redução de 0,04% ao mês no período.

Estudo da Fiesp, com base em números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de maio de 2010 a junho deste ano, mostra que a produção industrial registrou queda de 0,7%, enquanto o comércio varejista, por outro lado, teve expansão de 12,8%.

O diretor de Assuntos Estratégicos da Federação paulista, André Rebelo, disse que o dólar barato acabou 'inundando' as gôndolas e prateleiras de produtos importados.

Para ele, a situação tende a se agravar com a piora do cenário externo e o risco de uma recessão global.

"Estamos há 14 meses sem crescimento. A indústria já estava mal e agora ficará pior com essa crise externa. As exportações vão perder força e os importados vão inundar o nosso mercado com a queda do dólar— disse Rebelo.

O professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Evaldo Alves disse que a economia mundial deve levar uma década para se recuperar, o que

significa que a indústria brasileira terá de procurar novos mercados se quiser sustentar o seu nível de exportação.

Mais medidas

Na última sexta-feira, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel, informou que decretos complementares ao programa Brasil Maior devem ser anunciados a partir desta semana.

"Estamos trabalhando nisso, o MDIC, a Fazenda e o Ministério de Ciência e Tec-

nologia. Acreditamos que, até meados da semana teremos os decretos", disse Pimentel.

Responsável pela pasta da indústria e comércio exterior, Pimentel mostrou-se otimista quanto à postura brasileira frente ao atual cenário de turbulência internacional.

"Não é que não tenhamos o que temer da crise, mas como disse o ministro Guido Mantega, nós estamos preparados. Acho que o Brasil é um dos países mais preparados para enfrentar a crise", afirmou o ministro.

MAIS DADOS

14

Meses é o tempo em que a atividade industrial brasileira está praticamente estagnada. Para a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o setor precisa avançar no ritmo de expansão, com pelo menos evolução mensal de 1,1% - o que é considerado pouco provável pela entidade. O resultado positivo da balança comercial, por exemplo, já não é mais positivo e o déficit deve aumentar neste ano. Para os especialistas, uma das saídas para a economia brasileira é começar a focar nos mercados emergentes.

LETARGIA

ATIVIDADE INDUSTRIAL EM QUEDA

Números divulgados pela Fiesp mostram que quase 74% dos 76 subsetores da atividade industrial estavam em desaceleração ou em retração em junho, contra 18,4% em 2010. De maio pra junho, a produção caiu 1,6% em média.

BENS DE
CAPITAL

1,9%

Junho

INSUMOS

1,6%

Junho

BENS
FINAIS

2%

Junho

Arthur Neto



Seu comentário
redacao@d24am.com.br

ZFM: Falando Sério (VIII)

Vejo políticos fazendo esforço hercúleo para tapar o sol com a peneira. Fingem acreditar, por exemplo, que a ampliação da isenção de 75% para 100% do Imposto de Renda traria algum aumento significativo de competitividade para a Zona Franca de Manaus. Mas pessoas minimamente informadas sabem que isso é extensivo a toda a área da Sudam e da Sudene e fazem a indagação: se os outros benefícios valem para todo o Brasil e haverá isenção de 100% do Imposto de Renda também no Nordeste, por que uma indústria haveria de escolher Manaus para produzir tablets?

Batem na tecla de que estariam "negociando" que as telas dos tablets não ultrapassem 600 centímetros quadrados. Pois quem, de boa-fé e consciência, acredita que limitar o tamanho das telas impediria a instalação das cadeias produtivas desses equipamentos fora daqui? Depois de implantar todo o complexo para telas com 600 centímetros quadrados fora de Manaus, por que as empresas aumentariam seus custos, ampliariam esses complexos, só para fabricar em Manaus os aparelhos com telas de

Com essa miopia e irresponsabilidade, o Polo Industrial de Manaus irá, inexoravelmente, para a derrocada.

tamanho superior?

Com essa miopia e essa irresponsabilidade, o Polo Industrial de Manaus irá, inexoravelmente, para a derrocada. Não há coragem para enfrentar o poder e nem honestidade para diagnosticar o problema corretamente.

Querem manter o povo iludido, mentindo sobre a origem dos nossos problemas. "Brigam" por penduricalhos, pensando meramente em salvar carreiras políticas. Não são capazes de evitar que a Zona Franca prossiga em rota de enfraquecimento.

Temo que parte da população se deixe anestesiada mais uma vez, a mídia aí incluída, até por sentimento impotente de autodefesa: melhor acreditar nos vendedores de ilusão do que raciocinar com a hipótese pior.

Vejam a nova política industrial brasileira. Logo surgiram as vozes da desonestidade intelectual "enxergando" "vantagens" para a Zona Franca de Manaus. Parece que não leram a "Diretriz Estruturante I" que, a meu ver, tem relação com as MPs 517 e 534 e fortalece a ideia de levar as cadeias produtivas de tablets, artefatos de convergência digital, celulares e televisores interativos para longe de Manaus.

Chama-me a atenção, igualmente, a referência às ações relacionadas ao desenvolvimento regional, que desloca a ZFM do plano nacional. Deixa ela de ser vista como estratégica para o País, para desempenhar papel menor ou, como quer o ministro Fernando Pimentel, para seguir o rumo das suas vocações regionais e ecológicas.

Uma pessoa que diga acreditar que o governo, ao elaborar as novas linhas de política industrial, pensou positivamente no Amazonas, das duas uma: não trata os assuntos públicos a sério ou é despreparada para defender ou representar o nosso estado.

Já vi que esta série de artigos não acaba tão cedo. Até domingo.